

JOÃO MARIA SARMENTO DE VASCONCELOS PATRÍCIO

(ESCRITOR; PUBLICISTA; JORNALISTA)



João Patrício, escritor, jornalista, publicista, exerceu funções de relevo no aparelho de propaganda do Estado Novo (foi director-adjunto do Diário da Manhã e chefe da Repartição da Informação da Emissora Nacional em vésperas do 25 de Abril).

Era filho de Joaquim da Cunha Pignatelli Sena Belo e de Maria José Sarmento Osório de Vasconcelos Patrício, e casado com Margarida do Carmo Sant'Anna Sarmento de Vasconcelos Patrício

Foi autor de abundante bibliografia apologética do regime salazarista, incluindo a organização de uma série de publicações sobre a actividade do Presidente da República Américo Tomás, para além de livros de poesia e de crónicas ensaísticas:

- 1957: “Miradouro do mundo”.
- 1961: “O homem entre os homens”.
- 1963: “Américo de Deus Rodrigues Tomás, segundo ano na chefia da Nação: 1960”. Prefácio de João Patrício, Lisboa. (Companhia Nacional. Editora)
- 1961: “Américo de Deus Rodrigues Tomás, terceiro ano na chefia da Nação: 1961”. Texto e selecção iconográfica de João Patrício (Companhia Nacional Editora).
- 1964: “Américo de Deus Rodrigues Tomás, quarto ano na chefia da Nação: 1962”. Prefácio de João Patrício. (Companhia Nacional Editora).
- 1965: “Américo de Deus Rodrigues Tomás, quinto ano na chefia da Nação: 1963”. Prefácio de João Patrício. (Companhia Nacional Editora).
- 1965: “Diário da viagem do Presidente Américo Thomaz a Moçambique e Ilha do Príncipe 1964”. Coordenação de João Patrício. (Agência Geral do Ultramar).
- 1967: “Américo de Deus Rodrigues Tomás, sexto e sétimo ano na chefia da nação”. Prefácio de João Patrício. (Secretaria Nacional da Informação).

- 1969: “Das Realidades aos Mitos, Emissora Nacional”. Editoriais e notas do dia.
- 1979: “O poeta e o mundo”: Poemas. (Coimbra, Atlântida).
- 1989: “Augusto Gil íntimo”. (Guarda, Assembleia Distrital).
- 1993: “Maria Aurora Santos Costa, Mágoas de Esperanças”: Poemas. Prefácio de. João Patrício. (M. A. Santos Costa).

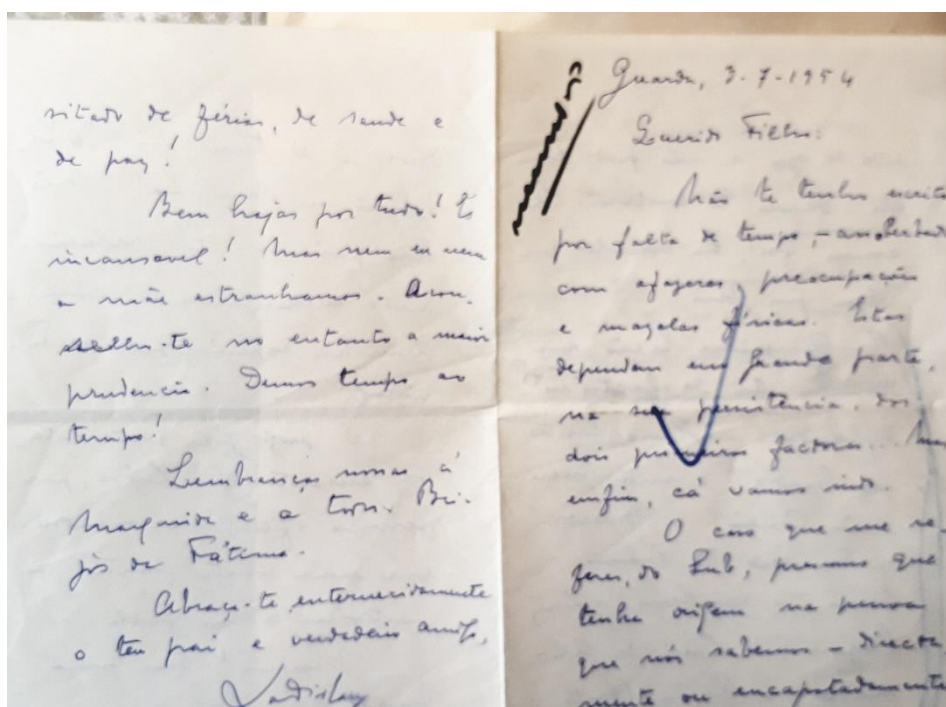
Foi autor das “notas do dia” da Emissora Nacional, um dos principais instrumentos da propaganda do Regime na rádio oficial, e colaborador em vários jornais: Beira Vouga; Diário da Manhã; Diário de Luanda; O Lusitano; Primeiro de Janeiro; Correio da Manhã, etc.

O Espólio de João Patrício, adquirido pelo Arquivo Ephemera em 1998, é constituído essencialmente pelos seguintes grupos de documentos:

- 1 - Correspondência diversa (1936 a 1977)
- 2 - Artigos publicados em jornais e “Notas do dia” na Emissora Nacional (31.07.73 a 27.04.74)
- 3 – Publicações
- 4 – Poemas
- 5 - Documentos avulsos com proveniência de outros autores.

1 - Correspondência diversa

Cartas e postais de familiares e amigos de 1936 a 1977: (Inclui um conjunto de cartas de seu pai Ladislau Patrício, médico com papel de relevo na luta contra a tuberculose e escritor).



rido de água e não pode com-
ele. Depois te contarei. Se
animar for, há males que
vêm por bem...

A minha lição em
Coimbra foi de facto m^{ta}.
aplaudida. Havia lentes
em barto: o reitor Maxi-
miano Correia; o Director
de Faculdade, D. Novais e
houve; o Vay leua; o Luiz
Raposo; o Lúcio de Al-
meida; o Rocha Brito;
etc., etc. O ministro me-

diar. - O tempo foi: "Os
pontos na medicina". Não
era pois assunto relacio-
nato exclusivamente com
minha especialidade de Fi-
siologia.

O prof. João Porto esta-
va ausente em Lisboa, por
serviço oficial, e mandou
me uma carta gentil, a
justificar a minha falta.

Gratias! Sou muito
bueno...

Sinto-me em todo o
caso muito deprimido: neces-

Guarda, 2.1.1954

1954

~~recibido~~

Luís Filhos:

Meu filho por tudo!

Recebi a tua carta. Escrevi hoje ao Director Geral de Ensino, em carta registada, pedindo-lhe urgência nas informações. Vou tratar agora do curso de Liceu e de Escola. Hoje, porém, não é possível, por estarem ainda em férias, e amanhã é Domingo. Só na 2.ª feira!

A vida tem sido um sarilho!...

Misturaram-se os telegramas de parabenizações com os de felicitações e de boas festas! Uma comédia... Tudo isso combinado com o problema do meu futuro. Mas vamos ver. Deus lá está!

Haça coragem, e aguardemos. Depois do temporal a bonança...

Saudades à Mãe e ao pai.

Um beijo da Mãe e outro do teu pai no ar.

Luís Filhos

Guanda, 5-2-1955

Querido Filho:

Mano-te envio uma carta do Cesar
do Santos, em resposta a' que elle
escrevi a felicita-lo pela sua entrada
para a redacção do "Diario de Lisboa".
E' simpatica; e falo de ti con-
dialmente.
Nós cá continuamos, e prin-
cipalmente a Mãe, na lufa-lufa!
Mas está tudo já muito adia-
tado. Parece... Se nos vemos
com a nossa vida reorganizada
nem acreditamos!
Saudades novas a Maria,
nós e a tom.
Li os teus artigos. O dos
peões, sobretudo, e' famoso! São ambos
bons. - Beijis de Mãe. Lembra-se

Carta de amigo (interessante a descrição do destinatário)

≡ x n.º. Santos

João Patrício
(filho do Ex.^{to} senhor Dr. Radislau Patrício)

Guanda

rapazes de Coimbra, que tinham
 tudo em poróia, na mesma
 pensão. Fiz eu uma exposição, que
 felizmente me saiu bem, pois o êxito
 foi bom, por críticos, por estudantes.
 Apresentei uns desenhos profundamente
 humanos, que agradaram bastante.
 Lições da sua, sentei sobre um poema, ementa
 ao fim do jornal, e ao fim etc. etc.
 Já também, o meu pai, não é verdade?
 Quanto a deusa, já acabei com aquela
 celebre raposa de Coimbra, e hoje
 sinto-me imediatamente feliz por isso.
 Encontrei no Pólo, uma raposa, que
 tem todas as qualidades, que eu sempre
 imaginei. É espanhola, e até eu

Pólo - 10.2.1950

Meu caro pai:

Bom dia! ... Parabéns meus por este último tempo
 de férias! Hoje, pois, o pai, que me escreve para
 os meus e jornal de Coimbra, eu deixo a minha
 posição de lá, uma vez que no dia seguinte
 vou para o trabalho. Por os prazos que li, e a
 deusa, eu o sinto de um apaixonado, que
 gosta bem alto, e cheio de sinceridade, e
 deus, que o pai é apaixonado para a
 busca da verdade.
 É humano, por ter medo, como humano,
 e até por não saber, mas que eu
 sempre fui por os possibilidades de
 e quando, talvez interpretar os alunos dos

Mãe, acabei também já com o
 teu livro, que é o melhor livro
 que eu tenho!
 Espero-te uma carta feliz, feita
 da tua família.
 E mais em abraço de forobers,
 do teu primo deus, e
 de deus do
 Udo - 10.2.1950
 Mário Gonçalves de Oliveira
 Rua Guerra Junqueiro - A.6. - Coimbra.

refugiada na sua casa.
 Conhecia eu de os outros, e ainda hoje
 lembro com verdade o seu primeiro dia, e
 o seu primeiro dia, que me ofereceu dois
 dias, e tão bons! Há um tempo
 se eu pudesse ler o mundo, havia de
 sentir nele com toda a fidelidade, aquele
 sorriso, e a data que me deu, e a
 pela primeira vez... Abençoada hora,
 essa, que se abriu como a primeira página
 dos meus dias felizes, e uma lembrança
 e que depois se tornou em felicidade e
 obediência, na mesma maneira de
 do meu!
 E foi bem alto, para me dar um dia!
 Abençoada hora, essa que o meu pai



Costa de Caparica, 28-3-951

Minha boa amiga

Desculpe de só agora vir responder à sua
estimada carta de 12 do corrente, mas
só agora a recebi, em virtude do mui-
to trabalho do nosso Rev. Prior, pois como
dese calcular foi por seu intermédio que
a sua referida carta me veio às mãos.
Mto obrigada pela sua atenção. Até ago-
ra não veio cá nenhuma propagandista
seja o que Deus quiser. Termino escrevendo -
lhe um abraço, desta sua irmã em Cristo semba
nosso. Maria José da Silva



BILHETE POSTAL



SEMPRE
NÃO ESPERE QUE A
IMPRESSÃO

Mademoiselle

Maria Celeste Cordeiro Victorino

Travessa do Corpo Santo n.º 10-4.º 2.º q.

Lisboa

Dr. : Maria Celeste Victorino
R. de 4.º Av. Amaro a Estrela,
23-4.º q.º

Lisboa

REMETENTE

ENDEREÇO

Lisboa, 24/8/54

Boa Amiguinha

Pedindo ao Senhor que te encontres de saude tu e restante familia, venho por este pedir-te o favor de, se possivel, irs hoje, dia 24, pelas 21,30 horas à Encarnação. Caso não te seja oportuno voltarei a pôr-me em contacto contigo, informando-te o dia de proxima reunião; não posso já fazê-lo porque só logo combinarei os dias com todas.

E por agora nada mais, peço-te desculpa de só hoje te pôr ao corrente, mas não me foi possivel fazê-lo mais cedo.

Despede-se de ti ^{com um grande xi} a sempre amiga e irmã em Cristo Operário

Maria Rosalbalho Fojo

2 - Artigos publicados em jornais e “Notas do dia” da Emissora Nacional:

Artigos publicados de 1942 a 1985, nos jornais: Beira Vouga (1942); Diário de Lisboa (1952); Diário da Manhã (1959 a 1969); Jornal da Madeira (1962); Diário de Luanda (1961 a 1963); Arauto da Guiné (1963); O Lusitano (Caracas-30.08.85)

Alguns exemplos:

13.10.62 – Diário de Luanda: “A comédia da ONU”

A COMÉDIA DA O.N.U.

O Ministro Franco Nogueira encontra-se, como se sabe, nas Nações Unidas, a presidir à delegação portuguesa. Poderá legitimamente perguntar-se para quê tamanha honra, que assim se concede àquele desacredita-

**POR
JOÃO PATRÍCIO**

tado organismo internacional, e para quê tanta maçada? É que a O.N.U., não só nasceu já torta, como se entortou depois muitíssimo mais, ao longo da sua curta, estéril e perturbadora existência. Hoje, então,

ela vive (como afirmou o Ministro dos Estrangeiros de Portugal, recentemente na cidade de Nova Iorque) em pleno reino da ilegalidade. Assim é, de facto; as Nações Unidas (melancólica ironia dos nomes) já não respeitam a Carta, a sua lei interna. Não lhe interessa, com essa Carta e com essa lei, instituir e defender a paz no Mundo, criar as boas relações entre os povos. Apenas, única e exclusivamente a preocupa fazer o contrário: fomentar a discórdia, o ódio, guerras regionais, agitando a lei da selva dos afro-asiáticos.

Na verdade, para que lá fomos? Na verdade, para que ajudamos, com a nossa presença, a manter aquela comédia, a sermos comparsas involuntários dessa comédia?

Franco Nogueira não deixou, é certo, de declarar, em Nova Iorque, que continua válida a hipótese de Portugal abandonar a O.N.U.

A mala há muito, aliás, que está feita; peguemos nela, e partamos. Cá fora respira-se um ar saudável e nós temos mais que fazer do que perder tempo e embotar a sensibilidade nesse antro pestilento.

DIÁRIO DE LUANDA
13.10.1962

ELES ESTÃO EM TODA A PARTE

O que se passou há dias, na Câmara dos Comuns, a propósito da espionagem russa, na Inglaterra, é não só de uma gravidade flagrante, como representa um sério aviso a quantos, no Ociden-

te, por imprudência criminosa, conduzem, para dentro dos seus arrelais defensivos, os cavalos de Troia moscovitas.

A União Soviética apenas se limita a meter dentro desses cavalos, homens, armas e propaganda, porque, quanto ao resto, ela sabe que o inimigo em potência a ajudará nos seus intuitos.

Há milhares de espões russos na Grã-Bretanha, anunciou, alarmado, o «lord» Civil do Almi-

DIÁRIO DE LUANDA
20.11.1962

POR
JOÃO PATRÍCIO

rantado. Por outro lado, Macmillan declara, no Parlamento, perante a estupefacção dos deputados, que a espionagem tenta minar a segurança da Inglaterra.

O «lord» Civil apontaria, como remédio a opôr a esta invasão organizada, a restrição das entradas e dos movimentos dos russos que visitam o país.

Sobre o assunto, afirmaria Orr-Ewing:

«Encontram-se nas embaixadas, nos consulados e nas missões comerciais. E não é uma dezena, ou uma centena. São milhares. E todos treinados para descobrirem fraquezas de carácter, fraqueza pelas morenas e pelas louras, e pelos estupefacientes. Nem a homossexualidade escapa. Essas fraquezas são todas cuidadosamente registadas e catalogadas para uso futuro.

«A única solução — concluiu — está em restringir os movimentos

(Conclui na 11.ª pág.)

O roubo está depositado na praça pública da consciência mundial

O roubo está depositado na praça pública da consciência mundial. Não pertence ao ladrão, se bem que ainda não te-

POR
JOÃO PATRÍCIO

nhá sido politicamente restituído ao roubado.

A União Indiana que, há um ano, pela calada da noite, assal-

tou uma parcela do património material e moral dos portugueses — sabe que o produto desse cobarde latrocínio nunca lhe pertencerá, muito embora, pela força, o detenha nas suas mãos ensanguentadas e criminosas. É que a posse de direito só se consuma — tanto na lei internacional como na nacional — quando haja sido objecto de prévio contrato de cedência, em perfeito consentimento das partes contratantes. Sempre que assim não suceda, estamos em presença de uma extorsão, por um acto de violência — atentatória do direito das gentes e dos povos.

Assim é, pois, no caso de Goa, mesmo que os factores morais e históricos, que entroncam na voz dos séculos, não se erguessem para lançar sobre o gatuno o mais desprezível anátema condenatório.

Que importa, portanto, que o sr. Nehru esteja convencido (aparentemente convencido) de que Goa é pertença hoje da União Indiana, se, na verdade, no coração dos portugueses e em face da consciência universal, ela continuará, pelo direito e pelo sentimento, a ser território de Portugal?

E um dia, de facto, politicamente, ela há de voltar à posse legítima do seu verdadeiro dono.

O tempo, sr. Nehru, se mata os homens, ressuscita também a justiça.

DIÁRIO DE LUANDA

22.12.1962

Portuguesismo

Nunca mais desaparecerá dos olhos e da memória de quantos a ela assistiram a gigantesca e significativa manifestação patriótica do passado dia 27 de Agosto, de apoio nacional à política ultramarina do Governo.

Plebiscito tácito de um povo, cuja Pátria se encontra repartida por quatro continentes, ele mostrou, de forma inequívoca, o anímico e ténico sentimento de portuguesismo da nossa grei.

Alguém que nos escreve de Angola afirma, em dado passo da sua carta: «O portuguesismo da população daqui é extraordinário; até era capaz de voltar-se contra Salazar, se ele dissesse que tínhamos de largar Angola. Mas como Salazar é dos bons e dos valentes, nem queira saber como esta gente o adora — mais do que a Santo António...»

Recentemente, um casal de portugueses, vivendo em Moçambique, foi a França na ideia de trazer para Portugal um tio que para lá par-

tira há 45 anos e nunca mais voltara à terra natal, na metrópole.

Não foi difícil a tarefa, uma vez que ele ansiava há muito por regressar à Pátria, que nunca abjurara, pois jamais quisera naturalizar-se francês,, embora isso o prejudicasse bastante economicamente na sua reforma.

Ao atravessar a nossa fronteira — contaram-nos — os olhos chispavam de ternura pátria e de admiração sem limites. Os elogios à ordem, ao asseio e ao aspecto em geral das nossas coisas levaram-no constantemente a afirmar o orgulho de ser português e a manifestar o seu respeito e veneração por Salazar, a quem — disse — tudo isto se deve e que em França, tão admirado é como homem e como político.

Um povo assim, arreigadamente patriota e justo, não podia faltar, em corpo ou em espírito, no Terreiro do Paço, na tarde memorável de 27 de Agosto.

JOÃO PATRÍCIO

"O ARAUTO DA GUINE" - 8.9.1963

Jornal "O Lusitano" de Caracas em 30.08.85

agencia atlas s. a.

VIAJES Y TURISMO

lic. vt 148

Telex: ATLAS 29988

Manduca a Puente Yánez - Edifício Pozo Azul

Tel.: 561.75.52 - 561.10.38 - 561.96.57 - 562.19.35

Apartado: 2668 - Caracas 1010 - Venezuela

**CONHEÇA O MUNDO
SAINDO CONNOSCOI**



FUNDADO EL 25 DE MARZO DE 1932

El Semanario más antiguo de la Colonia Portuguesa editado en Venezuela y de mayor circulación, liberal e independiente

DIRECTOR: JOSE DA COSTA CASTANHO

Dirección: Apartado 1484 - Caracas 1010 - Teléfonos: Ofic. 781.76.48 - Talleres: 81.71.96

Año XXXIV - Nova Série - Caracas, 30 de Agosto de 1985 - Número 288

Suscripción anual por correo: Bs. 250,00 Precio: Bs. 5

Crónica

OS ACROBATAS

Manuel de Portugal

A caricata cerimónia em que várias "personalidades" foram "implorar" a Mário Soares para se candidatar à Presidência da República teve não só um certo ar de palhaçada como, também, um certo cheiro a circo pelas acrobacias ocorridas no acontecimento. Dá cá um gozo dos diabos assistir à cena dúzia de patucos que vão "suplicar" ao Barão de Natarros para se dignar aceitar a um pedido que se sabe à partida ser coisa que

los como estes que nos confirmam (desculpem lá a comparação os ainda salaristas convictos) que Mário Soares cada vez mais imita o comportamento político do ditador contra quem, no passado, tanto diz ter combatido.

Toda aquela bafiança e macabra encenação cheirava ao falecido e ultrapassado estilo estadonovista. Na falsidade. Nos discursos. Nos abraços. E nas adesões da última hora. O mais curioso, porém, foram os acrobatas que se exibiram. Na

A LEI DO FUNIL

Por João Patrício

A democracia, mormente quando propagandeada como de cariz socialista, torna-se profundamente tocada de aberratismo quando olvida o elemento principal democrático de que a lei é criada para ser cumprida por todos, sem excepção. Dou a quem doer, trate-se de quem se trate. O elitismo ou o favoritismo dos cidadãos frente à "cara" da lei, é a negação mesma, e desdorida, da dignidade legal.

No meio deste resequido deserto de nossa classe política, que, salvo raras e

surgem, de quando em vez, "óxia" de atitudes nobilitantes que nos vão consolando na nossa sede de justiça.

Se as palavras, ajustadas e duras, não houvessem de há muito perdido o seu valor, por não ouvidas ou desprezadas por quem de direito, — o vocábulo "escândalo" levantaria, na sensibilidade da opinião pública nacional, foros de indignação e de actante protesto. Mas a nossa opinião pública — essa "potência anómica", essa "força política que nenhuma constituição prevê" — está-se, perdidosos o plebiscito, nas tintas.

Quero-nos referir — pela sua coragem moral e saudável pedagogia política — às atitudes recentemente tomadas em público, por duas inusitadas personalidades do nosso meio jurídico e financeiro: a do Provedor de Justiça Almeida Ribeiro, e

(Continua na 2ª página)

INSTALADA EM AVEIRO

Excertos de artigos publicados no Diário da Manhã:

28.02.64: “TRABALHANDO PARA O BEM COMUM:

Angola, não obstante o massacre perpetrado do estrangeiro, nos começos fatídicos de 1961, e da vigília de armas que os inimigos externos de Portugal a obrigam a viver – prossegue inalteravelmente pelos caminhos do progresso económico e social das suas populações (...)”.

06.03.64: “MEDITEMOS: Desde 1954, ano em que a União Indiana iniciou o seu primeiro ataque à soberania de Portugal, na Costa do Malabar, com os cinicamente chamados “voluntários da libertação” – que a Casa Lusitana nunca mais deixou de ver-se rondada de inimigos desejosos de a esbulharem do seu património histórico. (...)”.

20.03.64: “A HONRA NACIONAL: Podem os inimigos políticos do Doutor Salazar ataca-lo na sua doutrina de governo e na maneira como conduz a Administração Pública. Nunca, porém, em consciência, será clamoroso e tácito desmentido geral, acusá-lo de desonestidade, de incoerência, de não ter feito de sempre o humanamente possível para defender a honra e a integridade nacional. (...)”.

23.03.64: “AGUENTAR”: O Ministro Franco Nogueira reunido com os representantes da imprensa estrangeira, a convite destes, afirmou que as coisas estão a mudar, no mundo, a nosso favor. Salazar apontaria, no meio da tormenta que sobre nós desabou, soprada pêlos «ventos da história», que o essencial seria aguentar. (...) A situação internacional está a mudar. Só Portugal, sempre igual a si mesmo, nada tem a mudar – os seus cálculos estão certos.”

24.03.64: “PACTO COM O DIABO: Soldados de Angola e da Guiné. Enquanto vós, heroicamente, suportais sacrifícios e arriscas a vida em defesa da soberania nacional em perigo, alguns renegados compatriotas nossos não descansam, de companhia com a cobiça estrangeira, de vos trair, a vós e à Pátria comum, em conjuras vergonhosas! (...) Que lhe agradeça a carapuça o ex-general Humberto Delgado”.

28.03.64: “O REGRESSO DO BOM PASTOR”: Depois de longa enfermidade, o Senhor D. Manuel Gonçalves Cerejeira, amado Pastor de almas, acaba de regressar ao ««redil»» espiritual das «ovelhas» do seu patriarcado.(...) Mas se a cátedra universitária perdeu um insigne pedagogo de formação humanista, a cátedra patriarcal ganhou por seu lado, e o País com ela, um grande apóstolo da Divina Mensagem.”

13.04.64: “OS DA PRIMEIRA HORA”:A Liga dos Antigos Graduados da Mocidade Portuguesa, reunida num jantar de confraternização, reafirmou a fé nos ideais que inspiraram a sua criação, há vinte e oito anos, e recordou os que, das suas fileiras, gloriosamente tombaram em holocausto da Pátria. (...)”.

25.04.64: “PORMENORES TURISTICOS”: (...) Mas o turismo (nunca é de mais dizê-lo), sendo uma indústria, é também, uma arte de bem receber, cheia de pequenas grandes coisas, onde o facto psicológico ocupa lugar de real evidência. Não faz sentido, por exemplo, que, enquanto o S.N.I. envolve os turistas, nas ruas, de quadros garridos e típicos de jovens com trajes regionais, os mesmos turistas sejam aqui e ali assaltados por bandos fugidios de rapazio entregue à mendicidade clandestina (...)”

DATA 12-4-73

NECROLOGIA

FALECIMENTOS



D. MARIA JOSÉ SARMENTO OSÓRIO DE VASCONCELOS PATRÍCIO

Faleceu em Lisboa a Sr.^a D. Maria José Sarmento Osório de Vasconcelos Patrício, de 81 anos, viúva do Dr. Zadislaú Patrício, e natural de Moimenta da Beira.

Dotada de excelentes qualidades morais e de trato, a sr.^a D. Maria José de Vasconcelos Patrício foi, durante toda a sua vida, uma presença de superior educação e de extraordinária afabilidade, merecendo o grande respeito e simpatia que a rodeavam.

A sua excepcional personalidade integrava, ainda, um espírito notavelmente lúcido e brilhante, que, não obstante a avançada idade, conservou até aos últimos dias da existência, inesperadamente atingida por doença repentina e inexorável.

A falecida era mãe da Sr.^a D. Ana Maria Sarmento de Vasconcelos Patrício Sena Belo, casada com o Dr. Joaquim da Cunha Pignatelli Sena Belo, e do poeta e escritor Dr. João Maria Sarmento e do Dr. João Maria Sarmento de Vasconcelos Patrício, chefe da Repartição de Informação da Emissora Nacional, casado com a Sr.^a D. Margarida do Carmo Sant'Anna Sarmento de Vasconcelos Patrício.

Na Igreja de São João de Deus, onde o corpo se encontra depositado em câmara ardente, estiveram ontem, durante a tarde e noite, a apresentar condolências, numerosas pessoas das mais elevadas classes sociais.

O funeral realiza-se hoje, às 12,30, daquela Igreja para o cemitério dos Prazeres, sendo antecedido, às 12 horas, de missa de corpo presente.

A família enlutada, e em especial ao Dr. João Patrício, apresenta EPOCA sentidas condolências.

«EPOCA»

“NOTAS DO DIA” - EMISSORA NACIONAL

Notícia publicada no “Jornal do Comércio” em 11,12,1969 sobre as “notas do dia” da Emissora Nacional, um dos principais instrumentos da propaganda do Regime na rádio oficial,:

Lisboa-C-1 Telef. 4 1	JORNAL DO COMERCIO Lisboa	11 DEZ. 1969
	JORNAL DE NOTICIAS Porto	
	JORNAL DO EXÉRCITO Lisboa	

COLABORADOR permanente da Emissora Nacional, como editorialista da respectiva informação e comentador político, o dr. João Patrício tem exercido nessas actividades um papel que não pode deixar de reflectir-se na opinião pública a que se dirigem. Para assegurar mais perene divulgação aos seus pontos de vista reuniu o ilustre publicista em volume os editoriais e notas de um semestre (o segundo de 1968), trazendo aos leitores o que na passagem breve das emissões radiofónicas se dissiparia prontamente.

Editada com o subtítulo «Das realidades aos mitos», a colectânea agora apresentada pelo dr. João Patrício conserva o interesse da evocação dos factos e dos comentários a que eles deram lugar, num período que foi de importantes acontecimentos na vida portuguesa.

13

15 e 20 horas.

31/7/73

NOTA DO DIA

Na constituição física e psíquica de um povo, se a geografia e a história o condicionam e o personalizam, a língua e a cultura humanizam-no.

A Literatura, com a poesia na base, é, dentro da formação cultural de um povo, o espelho da sua sensibilidade e da sua receptividade às coisas superiores da existência.

isso é
recordar e exaltar os valores espirituais de um país, não apenas um dever que nos compete como um útil acto pedagógico para a juventude.

Os centenários dos vultos destacados da Literatura nacional não deverão, pois, deixar de assinalar-se, sobretudo numa época tão contaminada pelo rasteiro sentido materialista do quotidiano.

Decorre hoje o Centenário do nascimento de um grande e humaníssimo poeta português: Augusto Gil, lírico incomparável da alma amorosa e simples do nosso povo.

Os seus versos andam de boca em boca da nossa gente—não porque sejam banais, pelo contrário, mas porque interpretam, na sua aliciante singeleza e sentimento, o estado de alma ~~de um povo~~ lusíada. que se no

Os grandes poetas ajudam, sem ~~que se no~~ dêmos conta, a engrandecer a vida das nações, já que, se o progresso económico a fortalece materialmente, são eles, os criadores da beleza e do sonho, quem lhes insufla a alma e o ânimo para suportarem e enfrentarem a dureza das horas de adversidade.

Para os D.S. das 8,13,14,15
e 20 horas.

NOTA DO DIA

20/10/73

Um homem obtém o respeito da opinião pública pelas suas virtudes e pelas boas obras realizadas a bem da colectividade.

É o chamado prestígio, que não se impõe mas impõe-se por si.

Está neste caso o prestígio de militar e de homem público que o General Spínola conquistou por méritos próprios ao serviço do País.

Como Governador e como Comandante-Chefe na Guiné, ele soube reunir à sua volta vontades e simpatias, quer das populações que governou, quer dos homens que teve a honra de comandar—mercê dos seus exemplos de bravura, do seu espírito de missão, do seu tacto político.

O Chefe do Estado ao colocar-lhe no peito, por proposta do Presidente do Conselho, a Torre e Espada, sabia que o fazia em nome e com o agrado da Nação, que no General António Spínola se habituou de há muito a reconhecer o Valor, a Lealdade e o Mérito, que a Torre e Espada prezia em alto grau e no seu mais expressivo significado.

NOTA DO DIA22/1/74

As Forças Armadas devem ser simultâneamente uma força física e uma força moral. Eficientes materialmente para o desempenho cabal da missão específica que lhes compete, e espelho de virtudes cívicas e militares, que lhes conceda autoridade, pelo exemplo, para impor condutas de ordem e de ética quando necessário.

As Forças Armadas representam a Nação, isto é, o próprio povo, que as constitui no seu conjunto.

Garantes da soberania da defesa nacional, cabe-lhes estar sempre presentes, onde quer que essa soberania se encontre ameaçada.

E isto é válido, independentemente das ideologias e dos regimes que governem os destinos de um país.

"Sou-afirmou recentemente o general António de Spínola -dos que sempre pensaram que a Nação-consubstanciada na massa anónima do povo que a conforma-é o verdadeiro suporte moral das Forças Armadas, inculcando-lhes, como tal, um carácter de absoluta integração nos valores por que a própria Nação se define. Justamente por isso, não poderá consentir-se qualquer desvio na fidelidade à pureza do conceito eminentemente cívico que preside à instituição militar, encontrando-se vedada toda a interpretação que não respeite a sublime missão que compete às Forças Armadas como lídima afirmação do povo em armas e garante da sua soberania".

Exacta doutrina, com efeito, a apontar uma linha de rumo...

Para os D.S. das 20,0,024 e
8 horas.

EDITORIAL

27/4/74

O Movimento Militar triunfante, que restaurou as liberdades fundamentais dos portugueses, fê-lo, sem derramamento de sangue, num exemplo magnífico de acendrado patriotismo e de elevado civismo.

Cabe-lhe pois a autoridade moral para pedir o respeito pela ordem e a tranquilidade públicas, a quantos parecem querer trocar a entrega dessa almejada liberdade pelo abuso apaixonado de liberdades indesejáveis.

A Junta de Salvação Nacional, interprete fiel do Movimento resgatador, espera que essas atitudes lamentáveis não contribuam para desvirtuar os patrióticos objectivos que estiveram e estão nas suas intenções.

O momento é de unidade e de calma, já que só numa e noutra poderá construir-se o Portugal do futuro que o General Spínola nos oferece.

EDITORIAL

26/4/74

As pátrias redimem-se pelo sacrifício e pelas nobres acções de seus filhos.

Ao serviço da Pátria nenhum português deve furtar-se a esse sacrifício e colaborar em atitudes que a nobilitem.

As Forças Armadas são o paradigma máximo desse sacrifício e da defesa da honra nacional.

"Sou-afirmou, em Janeiro último, o General António de Spínola-dos que sempre pensaram que a Nação-consubstanciada na massa anónima do povo que a conforma-é o verdadeiro suporte moral das Forças Armadas, inculcando-lhes, como tal, um carácter de absoluta integração nos valores por que a própria Nação se define. Justamente por isso, não poderá consentir-se qualquer desvio na fidelidade à pureza do conceito eminentemente cívico que preside à instituição militar, encontrando-se vedada toda a interpretação que não respeite a sublime missão que compete às Forças Armadas como lídima afirmação do povo e garante da sua soberania".

Nesta hora em que as Forças Armadas, interpretando o sentimento da Nação, se colocam de novo ao serviço da Pátria, os portugueses estão com elas e nelas têm a certeza de encontrar as soluções dos problemas mais prementes da colectividade nacional.

EDITORIAL

26/4/74

As pátrias redimem-se pelo sacrifício e pelas nobres acções de seus filhos.

Ao serviço da Pátria nenhum português deve furtar-se a esse sacrifício e colaborar em atitudes que a nobilitem.

As Forças Armadas são o paradigma máximo desse sacrifício e da defesa da honra nacional.

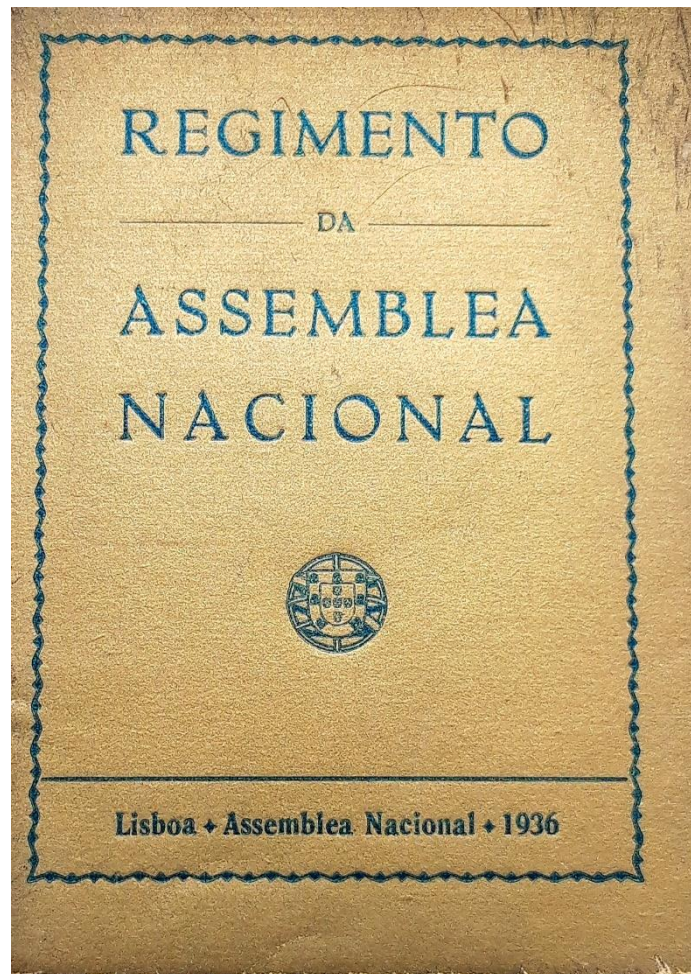
"Sou-afirmou, em Janeiro último, o General António de Spínola-dos que sempre pensaram que a Nação-consubstanciada na massa anónima do povo que a conforma-é o verdadeiro suporte moral das Forças Armadas, inculcando-lhes, como tal, um carácter de absoluta integração nos valores por que a própria Nação se define. Justamente por isso, não poderá consentir-se qualquer desvio na fidelidade à pureza do conceito eminentemente cívico que preside à instituição militar, encontrando-se vedada toda a interpretação que não respeite a sublime missão que compete às Forças Armadas como lídima afirmação do povo e garante da sua soberania".

Nesta hora em que as Forças Armadas, interpretando o sentimento da Nação, se colocam de novo ao serviço da Pátria, os portugueses estão com elas e nelas têm a certeza de encontrar as soluções dos problemas mais prementes da colectividade nacional.

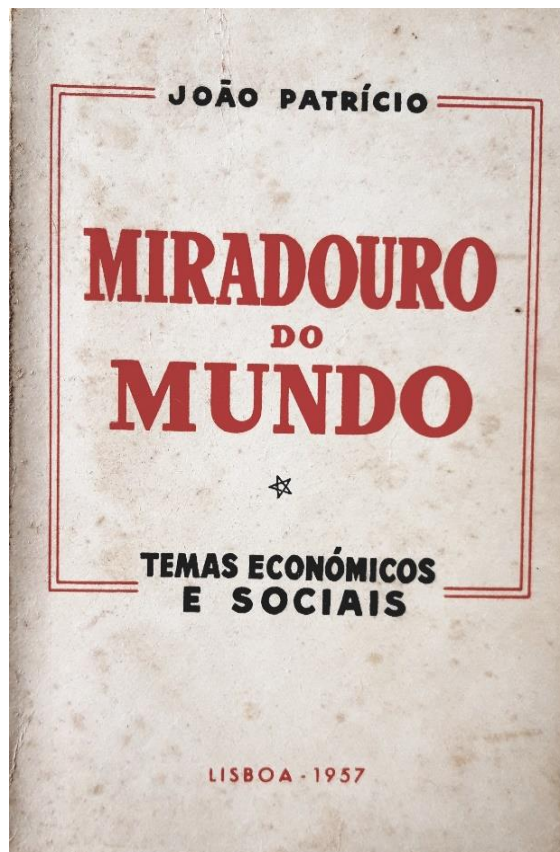
3 – Publicações

Exemplares existentes no espólio:

- Regimento da Assembleia Nacional – 1936



- MIRADOURO DO MUNDO – TEMAS ECONÓMICOS E SOCIAIS – 1957 – (dedicatória: “À Maria Adelaide ao Mário e ao Manel com a v/afectuosa estima, do João. 10.5.57”)

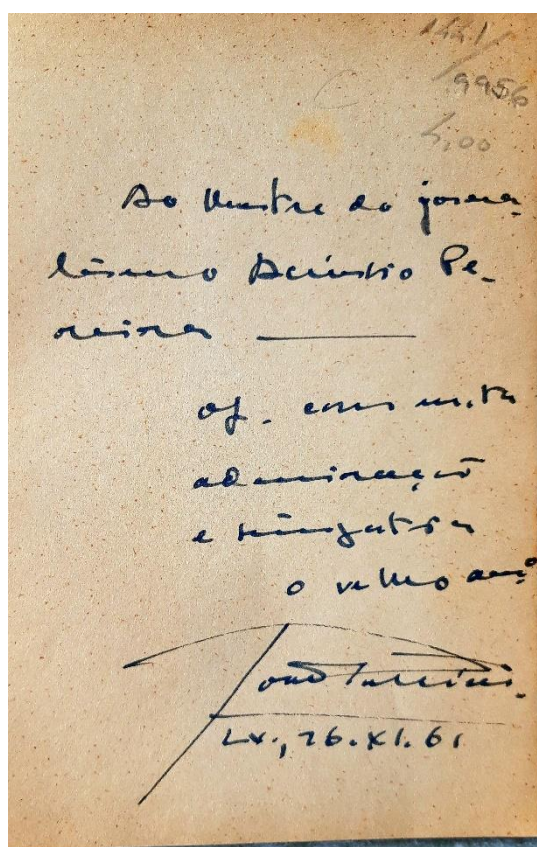


A Maria Adelaide
ao Desisto e ao Miguel
mel

— com afeição
na estância
do

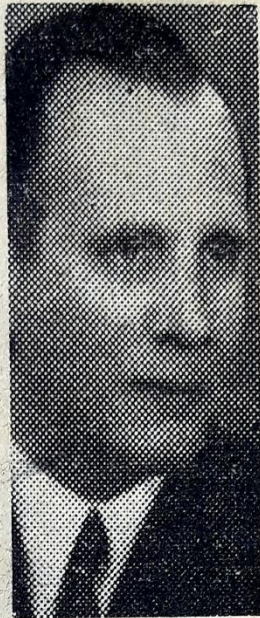
— out.
— 10. 10. 57

- O HOMEM ENTRE OS HOMENS – (dedicatória: “ Ao mestre do jornalismo Acúrcio Pereira – com muita admiração e simpatia. O velho amigo João Patrício – Lx, 26.XI.61”)



UM LIVRO DO DR. JOÃO PATRÍCIO

POR feliz, e até patriótica intenção, vem publicando a Companhia Nacional Editora, grossos volumes de arquivo, registo e documentário sobre a acção do sr. almirante Américo Tomás



na Presidência da República. Têm um cunho de inflexível justiça estes trabalhos, e, partindo embora do circunstancial e quotidiano, no caminho da Nação através dos acontecimentos e também dos seus progressos, devidos ao Estado Novo, são elementos de si mesmo valiosos para a História.

Acrescentando, por conseguinte, os volumes já publicados, apareceram há dias o «Segundo Ano na Chefia da Nação» (1960) e o «Terceiro» (1961), numa soma total de cerca de quatrocentas páginas, com profusas ilustrações,

em que reaparecem, por ordem, os passos, os gestos e os discursos do eminente Chefe do Estado, ao longo desses dois anos, dentro e fora do País. Lá se encontram, em páginas fidedignas, as inaugurações e as visitas que o glorioso marinheiro que gloriosamente vem presidindo aos destinos da Nação, fez a diversos distritos de Portugal, longe ou perto da capital; e lá se encontra também, com o desenvolvimento merecido, como não podia deixar de ser, a exposição e a documentação que o sr. almirante Américo Tomás fez a Espanha, cujos ecos de harmonia Ibérica não se apagaram ainda da memória dos que tiveram a dita de presenciá-los.

Estamos diante de uma obra séria, já se vê, em todos os sentidos. O seu autor e orientador, dr. João Patrício, director-adjunto do nosso prezado colega «Diário da Manhã», com seriedade a realizou também. Vista a um plano informativo, de amplitude e grande classe, pode e deve até ser considerada como serviço prestado à Nação. Com aprumo, brilho e dignidade, temos pois, de louvar e agradecer ao dr. João Patrício, tão volumoso e prestimoso trabalho.

«QUARTO ANO NA CHEFIA DA NAÇÃO»

Acaba de ser publicado mais um volume dos anais da presidência do Senhor Almirante Américo Thomaz, que vêm sendo organizados pelo nosso prezado amigo e camarada, dr. João Patrício, ilustre director-adjunto do «Diário da Manhã».

«Quarto ano na chefia da Nação», assim se intitula o volume ora dado à estampa, no qual se condensam os factos mais sa-

lientes da vida nacional no quarto ano do mandato presidencial

(Conclut na 11.ª pág.)

«Quarto Ano na Chefia da Nação»

(Conclusão da 1.ª pág.)

Trata-se de uma obra de consulta, valiosa e indispensável, a quem queira conhecer ou referir este magnífico período de progresso e portuguesismo que o País tem conhecido sob a chefia do Senhor Almirante Américo Thomaz.



DIÁRIO DE LUANDA - 8.7.1964

«DIÁRIO DA VIAGEM

DO PRESIDENTE

AMÉRICO THOMAZ

A MOÇAMBIQUE

E À ILHA DO PRÍNCIPE»

Em magnífica e cuidada edição da Agência-Geral do Ultramar, acaba de ser publicado o «Diário da Viagem do Presidente Américo Thomaz a Moçambique e à Ilha do Príncipe em 1964» — obra de inegável valor e que o tempo mais valorizará ainda, a que o poeta e escritor dr. João Patrício, ilustre subdirector do nosso prezado colega «Diário da Manhã» e estimado colaborador do nosso jornal, emprestou a sua arte de cronista, o seu saber de profissional e a sua vibração de patriota.

Neste seu trabalho, dá-nos o sr. dr. João Patrício, uma vez mais, a fina e lúcida percepção de como devem ser tratados assuntos que, embora ainda bem vivos na memória de todos, se revestem de indiscutível valor histórico.

O livro, profusamente ilustrado, é relato fiel das belas e inesquecíveis jornadas de portuguesismo vividas em Moçambique e na Ilha do Príncipe, durante a viagem que o venerando Chefe do Estado realizou àquelas parcelas da Pátria em 1964. É uma obra a todos os títulos notável e as felicitações pela sua execução repartem-se, por igual, entre o autor e a Agência-Geral do Ultramar.

DIÁRIO DA GUARDA

11-6-1965

4 – Poemas

PORTUGAL SONHADO

(INÉDITO)

Vem, Portugal,
Vem daí
Olhar os mares defuntos
De teu passado
De navegador
Sonhador!
Chorar o teu orgulho
De antigo senhor,
De rico
Esbanjador.
De mercador
De pimentas e de sedas,
De pratas e de ouro,
De tudo que hoje
É apenas História
Pouco limpa
De outros esbanjadores...
Vem, Portugal fadista,
De guitarras partidas
Nas mãos rapinas
De neve Alcácer-Quibir.
Como moderno Desejado
Hipotecado
Ao Futuro
De Europas
Que dizem
Que hão-de vir...
Ó meu Portugal,
Que há tantos anos te vejo
Relido nas páginas hercúleas
De grande Herculano!
E que já te não reconheço
Mirando o Tejo
Sem Naus
De meu desengano...

Vem, vem daí
Refazer a História
Noutros Camões
Com que bens Portugueses
Senham ainda
Nos seus corações...
Com outros "Lusíadas",
Sonhando com eles
Em melhores dias...

JOÃO PATRÍCIO

ANOS DE PAI

OS ANOS SÃO, AFINAL,
ESPELHO DA PRÓPRIA VIDA:
AS IMAGENS VÃO PASSANDO,
VÃO PASSANDO DE FUGIDA.

E TÃO DEPRESSA ELAS PASSAM,
A PARTIR DE CERTA IDADE
QUE QUASE NEM TEMPO DÃO
AOS PRAZERES DA FELICIDADE.

~~AS~~
OS TEUS ANOS, QUERIDO PAI,
ENTRE AS FLORES ^{(DE UM} ~~DO~~ JARDIM,
SERÃO SEMPRE PRIMAVERA,
A FLORIR PARA MIM.

6. V. 58

JOÃO PATRÍCIO

A terra é de cada um,
E de todos, afinal;
Propriedade de quem a trabalha,
E de todo o Portugal.

Vamos, assim, ó sr. Barreto,
Repor a Reforma no seu lugar:
Entregar o arado e a charrua
Apenas àquele que a trabalhar.

É que o País precisa
De tomates e melões,
Acabem lá com as lutas
Entre operários e patrões.

Senão, senão, sr. Barreto,
O País fica de tanga!
A não ser, que o sr. Soares
Tire o milagre da manga...

JOÃO PATRÍCIO

AO DOBAR
DO TEMPO

(50 ANOS DE VIDA LITERÁRIA)
~~FRAGMENTOS~~

ATLÂNTIDA EDITORA

DE
~~FRAGMENTOS~~ "FRAGMENTOS"
(1935)

INTOLERÂNCIA

Quando as ideias,
As crenças,
Se encontram
Extremadas,
As opiniões
E as pessoas
Não são respeitadas.
Por ódios,
Por ignorância,
Por sentimento
Incontrolável?
-Como Anatole,
Eu sou então
Intolerante,
Porque a intolerância
É intolerável...

João Pa

Veiga Simão vai à China
com o Sporting".

Dos jornais

QUANDO A BOLA É REDONDA...

Li nos jornais,
Certo dia,
Que o doutor Veiga Simão,
Ex-ministro marcelista,
De bagagem partiria
-Iluminado como o Sol-,
Para a China Comunista,
A jogar o futebol!...
E, se o insigne professor,
Consciente do seu valor,
Jogar, à ponta esquerda,
Tão bem, como jogava
Noutros tempos à direita,
Certamente, que o Sporting
Escolherá, desta feita,
Para seu digno capitão
O doutor Veiga Simão...

JOJO PATRÍCIO

27. Junho-78

DESENCONTRO

Está o poeta
Para o político
Como a flor
Para o camaleão:
A primeira perfuma o amor,
O segundo, atraiçoa o coração.
~~É~~ *Foi sempre o* sonho do poeta
O bem estar da Humanidade;
~~É~~ *Foi sempre a* ambição do político
A conquista da Cidade...
E, ~~quando~~ *quando* o poeta
~~Se) ~~se) da~~ ~~política~~~~ *lança nos ~~seus~~ caminhos* política,
A política fica na mesma
- Mas o poeta já não fica...

Alguns poemas são assinados com os pseudónimos: "Zé da Vespa"; "Vespa" ou "Cícero"

FRECHADAS & FERROADAS

CAMÕES E ELES...

Estava Camões a dormir
À sombra da Eternidade,
Quando Lourenço o acordou
Para lhe comemorar a idade.

-Perdoai, Épico!, exclamou o "melena",
Vim mandado por Belém
Para te convidar para as festas
Neste País sem vintém.

Camões, comendo a coroa de louros,
E olhando o rotundo capitão,
Confrontou os capitães das naus
Com os do Conselho da Revolução...

E, após inspirado silêncio:
-Informai o General
De que a melhor das homenagens
É salvar-se Portugal.

Lourenço, muito encarnado:
-Nós é que o salvámos, pela nossa mão,
Através de um socialismo
Progressista da Revolução.

Camões, erguendo a espada e "Os Lusíadas",
Explodiu, irado como o fel:
-Sobre vós, eu nem seria capaz
De escrever um poema de "cordel"!...

ZÉ DA VESPA

FRECHADAS

V

O FESTIM

CUNHAL

-Esse bocado é meu. |

SOARES

-Isso, era o que o camarada queria. |

-É meu. |

AMARAL(No II Governo Constitucional)

-É nosso, Mário. |

-É teu, e é meu!.... |

CARNEIRO

-Vocês vão ver: ~~o bocado vai ser meu.~~
O bocado vai ser meu.
Nas próximas eleições, irei eu para o Poder. |

ZE POVO

-Ó Nobre, ó Pinto,

Deixa-os falar. |

Nós só queremos gente como vós

Para governar!.... |

VI

CONTRA-SENSO

1

Num Orçamento apertado,

De crise, que brada aos céus,

Vemos políticos reunidos

A volta de bons pitéus. |

2
ra que tal me atormente,
soalmente vos digo;
s, ó senhores, francamente,
para aí tanto mendigo!....

~~o bocado vai ser meu.~~
CÍCERO VIRI

PORTUGUESINHO VALENTE

País de parra vestido,
esquelético e faminto,
Sem rumo certo, definido,
Esmolando para viver,
Portugal é, no entanto,
Segundo ouvimos dizer,
Importante para a paz,
Conforme o alinhamento
Que consiga, seja capaz
De fazer entre as potências,
Independente do seu grau de pobreza,
Dos seus problemas e carências.
É valente, é marialva,
Pega nos cornos do toiro!
É David, é portuguesinho valente!
Tu tens cotão nos bolsos, estás sem oiro
Mas, à falta de um capitão, tens um tenente.
Se o mundo descai para bombordo,
Ou se ele arrima para estibordo,
Logo surge o arrais-Portugal
A alinhá-lo,
A equilibrá-lo,
Com o seu enorme coração de fadista
-De sentimental...

FERROADAS

Da comitiva presidencial,
segundo os jornais, fazem par-
te as mulheres de ministros,
e as entidades e funcionários
de convidados.

Partiu Eanes para a Bulgária,
A Roménia e a Hungria,
Levando na companhia
Esposas por companhia.

A sua, vai por direito,
Ninguém o ^{poderá contestar;} ~~contestará;~~
Mas algumas, com a breca,
É legítimo de estranhar!

Sofremos ou não sofremos
Uma época de crise, de dificuldade?
Então, por que não impôr de cima
Exemplos de austeridade?

Nos tempos das vacas-gordas,
Mais esposa, menos esposa, tanto faria;
Mas hoje, não serão esposas a mais
As que vão por companhia?!

E depois, francamente,
Dêem um pouco de liberdade
Aos esposos sem esposas,
Nesta ou naquela cidade...

VESPA

5 - Documentos avulsos com proveniência de outros autores

- “Esquema da lição inaugural do 1º Encontro de Escritores Portugueses” feita pelo Prof. Doutor Matinho Nobre de Mello.
- “Esperança de amanhã” (por José Manuel Salema)
- “ Ao Largo – Mensário de Inspiração Cristã do Concelho de Oeiras” Este livro, que recolhe o melhor da obra poética de João Patrício – a poesia é uma das formas em que ganha expressão o multifacetado talento deste Homem – é prova acabada de que Paço de Arcos é ainda uma terra com identidade”.